

## Luis Fernando Verissimo

Escreve aos domingos e às quintas-feiras neste espaço

▄ Ele não era um jogador espetacular como outros do seu tempo (Pelé e Rivelino), mas tocou na bola um número suficiente de vezes para ser goleador

### Servílio

Há muito tempo existiu em São Paulo um centroavante chamado Servílio. Não me lembro em que times ele jogou, sei que chegou à seleção brasileira. E do Servílio se dizia que ele jogava sem a bola. Nunca ficou muito claro o que significava aquilo, jogar sem a bola. Talvez, com seu posicionamento ou sua movimentação, ou até mesmo com a ameaça do que faria se tivesse a bola, Servílio ajudasse a abrir ou assustar defesas.

Não era um jogador espetacular como outros do seu tempo (ele foi contemporâneo de Pelé e Rivelino) e tocou na bola um número suficiente de vezes para ser goleador. Mas, de acordo com a crônica esportiva da época, o grande mérito de Servílio era aquele poder meio misterioso de jogar bola longe da bola. E Servílio ficou como um protótipo do jogador que joga para o time e não para o público, que o Servílio muitas vezes nem enxerga em campo. Sua função

estava no seu nome: Servílio, para servir os outros.

Pensei no Servílio ouvindo e lendo os repetidos elogios para Neymar, Fred e etc. depois da vitória brasileira na Copa das Confederações. Elogios merecidos, mas quase sempre incompletos. Não incluíam o Oscar. E Oscar é dos jogadores mais importantes da nascente seleção do Felipão. No jogo contra a Espanha, os três gols do Brasil tiveram a sua participação.

Ele é um anti-Servílio na permanente disposição para receber a bola em qualquer lado do campo, mas é um autêntico Servílio na predisposição para servir o time, muitas vezes se autoapagando, preferindo o passe preciso e a progressão consequente à jogada de efeito. Seu pouco físico e sua cara de órfão abandonado do Dickens podem explicar sua invisibilidade para o público e a crítica, mas pelo menos o Felipão já deve saber que o ataque para a Copa de verdade tem que ser organizado à sua volta.

Quanto ao resto, estamos bem. Luiz Gustavo – outro neo-Servílio – foi a melhor surpresa do esquema do Felipão. E aquela bola que o David Luiz tirou de cima da linha do gol num ângulo impossível mostrou que os deuses da física estão do nosso lado. Ajuda.



## Eduardo Caliman

É jornalista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ecaliman@redgazeta.com.br

▄ Onde estavam, dez anos atrás, os deputados que hoje dominam a cena no protesto da Assembleia? A história mostra um passado, no mínimo, arranhado

### Deputados reciclados?

Páginas do jornal, como se sabe, são testemunhas da história. Elas costumam explicar comportamentos, esclarecer dúvidas e, muitas vezes, apontar curiosidades, contradições e reviravoltas. A atual ocupação da Assembleia Legislativa, por exemplo, remete a um outro momento tenso, envolvendo quatro atuais deputados.

Dois deles, que hoje contam com a simpatia dos manifestantes, precisaram dos seguranças da Casa para se proteger, na última grande tensão, dez anos atrás. Euclério Sampaio e José Esmeraldo faziam parte do chamado “Grupo dos 20”, encabeçado por parlamentares ligados ao ex-presidente José Carlos Gratz.

O grupo promoveu almoços e reuniões com Gratz, no início de 2003, com objetivo de eleger um representante para o comando da Casa, em contraponto à candidatura do deputado Cláudio Vereza, apoiado pelo então governador Paulo Hartung, que acabava de assumir o cargo.

Os eleitores haviam mandado, nas urnas, um claro pedido de renovação nas práticas políticas estaduais. Mas Euclério e Esmeraldo, que agora aparecem defensores da voz das ruas, mar-

charam com o grupão de Gratz até o fim. Apoiaram a eleição do ex-jogador de futebol Geovani Silva, numa sessão tumultuada, cercada de manifestantes.

Para garantir a maioria e o resultado daquela eleição, o Grupo dos 20 se fechou e chegou a barrar a entrada de uma oficial de Justiça, que tinha em mãos um mandado de segurança afastando cinco membros, por suspeita de desvio de verba.

Um desses acusados, o deputado Sérgio Borges, está até hoje na Assembleia. Em meio à nova fase de tensão, tem adotado a discrição. Não fez discursos e, por enquanto, tem passado ileso pelos manifestantes. Inelegível para a próxima eleição, por ter sofrido no ano passado uma condenação em segunda instância, do Tribunal de Justiça, almeja uma vaga de conselheiro em outro Tribunal, o de Contas. De réu, quer passar a “juiz” das finanças públicas estaduais.

Um quarto deputado, Gilsinho Lopes, não estava no plenário naquela eleição de Geovani, mas figurava entre os acusados de receber R\$ 30 mil para votar na reeleição de José Carlos Gratz em 2000.

Gilsinho era suplente naquele fevereiro de 2003. A julgar pelas relações do mandato que tinha acabado de concluir, também estaria no grupão se tivesse sido reeleito. Tanto ele quanto Euclério e Esmeraldo foram absolvidos pelas urnas, nas eleições seguintes, e estão construindo uma nova história. Populistas ou não, reciclados ou não, o fato é que agora, pelo menos, estão mais atentos ao que se diz nas galerias.

## Matheus Albergaria de Magalhães

É economista e professor da Fucape Business School

E-mail: matheus.albergaria.magalhaes@gmail.com

▄ Quanto melhor a qualidade das instituições, maior tende a ser sua taxa de crescimento ao longo do tempo

### As instituições e o crescimento econômico

Existe consenso entre economistas de que um dos fatores mais importantes para os processos de crescimento e desenvolvimento de uma localidade corresponde a suas instituições. Especificamente, localidades com melhores instituições tendem, em média, a garantir melhor os direitos de propriedade e executar menos políticas distorcidas, acabando por investir mais e gerando, em última instância, maior crescimento econômico. Quanto melhor a qua-

lidade das instituições de um município, estado ou país, maior tende a ser sua taxa de crescimento ao longo do tempo.

Mas, afinal, o que são instituições? E como funciona o mecanismo de influência deste fator sobre a economia? Em termos gerais, instituições podem ser definidas como restrições constituídas a partir da ação humana que estruturam as interações políticas, econômicas e sociais de uma sociedade. Ou seja, instituições podem ser

vistas como as “regras do jogo”.

De fato, instituições podem ter tanto um caráter formal (como a Constituição Federal) quanto informal (como as regras de conduta em determinados ambientes). Esta definição do termo vem do economista Douglass North, que recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 1993. Por exemplo, as formas através das quais transacionamos bens e serviços, a criação de leis municipais e estaduais específicas, episódios de corrupção, disputas políticas e até mesmo nossa autoimagem como cidadãos podem ser vistos como instituições.

Agora, as propriedades mais interessantes relacionadas à influência das instituições na economia correspondem à sua possibilidade de mudança ao longo dos anos, associada à sua per-

sistência histórica. Assim, acontecimentos ocorridos há várias décadas ou séculos poderiam, a princípio, exercer impactos duradouros sobre a realidade presente. Esta constatação abre uma perspectiva totalmente nova acerca do papel da História sobre o desenvolvimento do estado e seus municípios.

A influência das instituições sobre o processo de desenvolvimento chama atenção para a crescente importância de aspectos “intangíveis” e seus efeitos em termos socioeconômicos. Neste sentido, quanto mais detalhes relacionados a fatores como instituições, ideias e capital humano tivermos, maiores serão as possibilidades de pensarmos em novas maneiras de promover o desenvolvimento do estado do Espírito Santo e seus municípios.